

## Nacionalismo e assimilação étnica alemã em Santa Catarina

Simoni Mendes  
[monihmendes@yahoo.com.br](mailto:monihmendes@yahoo.com.br)  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Este artigo reflete sobre a nacionalidade alemã percebida como ameaça em solo brasileiro. A forte nacionalidade alemã por muito tempo foi motivo de preocupação para políticos e intelectuais brasileiros, que viam nesse povo um risco à integridade nacional, o chamado “perigo alemão”. A imigração alemã, outrora incentivada, passou a ser considerada um erro, pois estava gerando um “enclave étnico”. Havia, inclusive, a ideia de que o sul do Brasil seria em algum momento perdido para esse grupo, que pretendia implantar um Regime colonial. Esta preocupação foi gerada em virtude da concepção de nacionalidade alemã, que atrapalhava as pretensões dos governantes brasileiros de formar uma identidade nacional.

**Palavras-chaves:** Nacionalismo; Imigração; Alemães; Identidade

**Abstract:** This article reflect about the german nationality perceived in the brazilian's ground. The strong German nationalism was for a long time the reason of concern among Brazilians politicians and intellectuals, which saw in the German people a risk to their own national integrity, the so called “German danger”. The Germany immigration, once incentivated, started to be considered a mistake, because the ethnic enclave that it was generating. There was, including the idea that the southern Brazil could be, in some moment, lost to the German group, intent to implant the colonial regime. The concerns were made from the concepts of the German nationalism, and make difficult the way of Brazilians governants to form a national identity.

**Keywords:** Nationalism; Immigration; German; Identity

### Nationalism and german ethnic assimilation in Santa Catarina

#### Introdução

Os primeiros anos da República brasileira foram marcados por uma necessidade de integração nacional por parte do governo e de muitos intelectuais, como tentativa de impossibilitar uma possível desagregação do território brasileiro. É sabido que essa preocupação está presente desde a independência do Brasil, constantemente ameaçado pela influência da América Espanhola, exemplo de desagregação territorial. Com a proclamação da República e uma nova configuração política esse perigo voltou a assombrar o Brasil.

Além do fato de seu território ser muito extenso, o Brasil dos fins do século XIX e início do XX possuía um grande número de imigrantes europeus e asiáticos trabalhando em suas terras, imigração essa incentivada pelo governo imperial na tentativa de branquear a população. Ao



contrário do que se esperava, nem todos os imigrantes tiveram uma capacidade de assimilação imediata, o que acabou dificultando esse branqueamento proposto e ainda causando preocupação ao governo, que começou a ver nesses grupos uma possível formação de “enclave étnico”, um risco para a unidade nacional.

Um dos grupos que mais sofreu com constantes acusações foi o dos imigrantes alemães no sul do Brasil. Este grupo é o foco principal desse artigo que visa refletir sobre a nacionalidade alemã e sobre a forma que ela era percebida pelos brasileiros, apontando a hipótese de que a política de nacionalização e a perseguição aos alemães, não foi uma invenção de Getúlio Vargas na década de 30 e tão pouco foi fruto da ameaça nazista durante a Segunda Guerra Mundial.

A base para a compreensão dessa desintegração cultural e nacional dos teuto-brasileiros nos Estados do sul do Brasil está no entendimento da concepção de nacionalidade germânica, o *Deushtum*. Para esse entendimento utilizou obras clássicas a esse respeito, como estudos de Giralda Seyferth,<sup>1</sup> René Gertz<sup>2</sup> e Marionilde de Magalhães,<sup>3</sup> além do sociólogo Nobert Elias,<sup>4</sup> autor do importante estudo *Os Alemães*.

Os esforços brasileiros em busca da integração nacional ocasionaram conflitos entre luso-brasileiros e teuto-brasileiros, além de uma imensa discussão entre os intelectuais da época, que viam surgir o “perigo alemão”. Intelectuais como Graça Aranha e Sílvio Romero, ambos membros da Academia Brasileira de Letras, foram ferrenhos defensores da teoria do “enclave étnico”.

Utilizo como fonte primária o texto de Sílvio Romero “O Allemanismo no sul do Brasil”, publicado em 1910 no livro *Provocações e Debates*,<sup>5</sup> no qual o autor faz uma análise sobre o que ocasionaria essa intensa colonização alemã do Brasil meridional.

O nacionalismo alemão e assimilação étnica em Santa Catarina.

<sup>1</sup> SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

<sup>2</sup> GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: ed. UFRGS, 1991.

<sup>3</sup> MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

<sup>4</sup> ELIAS, Nobert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

<sup>5</sup> ROMERO, Sílvio. O Allemanismo no Sul do Brasil. In: *Provocações e Debates*. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão editores, 1ªed., 1910, p. 115 – 169.



O nacionalismo germânico presente no imaginário das colônias alemãs no sul do Brasil foi, por muitos anos, uma pedra no caminho da política nacionalista, presente no Brasil desde a sua independência, principalmente nos primeiros anos da república, quando havia uma maior necessidade de o país se afirmar como nação. Seria complicado entender o porquê dessa conservação nacionalista mantida pelos imigrantes alemães se não se compreender qual a concepção de nacionalismo para esse povo.

No Brasil, bem como em grande parte dos países, o termo nacionalismo serve para designar o sentimento atribuído a seu país natal, ou seja, a cidadania e a nacionalidade de um indivíduo nascido no Brasil é brasileira. Pois bem, na concepção alemã essa designação se altera, nacionalidade e cidadania são coisas distintas, uma pessoa está ligada ao país que nasceu por laços de cidadania, porém a nacionalidade é herdada através do sangue, podendo ser uma nação distante.

De acordo com Nobert Elias<sup>6</sup>, o nacionalismo alemão surgiu especialmente na classe média, a partir do desaparecimento de conotações humanistas e morais, dando lugar à difusão da “cultura” enquanto manifestação nacional, o que o autor chama de “nós-imagem”, ou seja, a auto-imagem da nação. É estranho pensar em um nacionalismo tão forte em um país que passou por processo de unificação tardio. Seyferth<sup>7</sup> mostra que, apenas em 1871, com o esforço de Bismarck, as ideologias nacionalistas se formaram, na Confederação Alemã, através das obras do romantismo, que, na falta de um Estado unificado, buscava no antigo e glorioso Sacro Império Romano Germânico, da Idade Média, um motivo para orgulhar-se nacionalmente.

Com a unificação alemã, esse forte sentimento nacionalista só fez crescer, de certa forma, um nacionalismo rígido e um tanto preconceituoso. *Deutschtum* e *Volkstum* são palavras que traduzem o que significa esse nacionalismo, palavras sem tradução literal para o português, mas que podem ser compreendidas. Possui o *Deutschtum* aquele que possui a etnia germânica, ou seja, nesse contexto o *Deutsche* não é apenas o alemão nascido na Alemanha, mas sim aquele que possui a germanidade como etnia, podendo ter nascido em qualquer parte do mundo, desde que seja filho de alemães puros por etnia.

Seyferth traduz essa explicação da seguinte forma: “A *Heimat* (pátria) de um teuto-brasileiro nascido em Blumenau, por exemplo, é esta cidade, e será uma *Heimat* alemã se for

---

<sup>6</sup> ELIAS, Nobert, Op. Cit, p.131.

<sup>7</sup> SEYFERTH, Giralda, Op. Cit, p. 19.



mantida viva a *Kultur* [cultura] especificamente germânica [...]”<sup>8</sup>. Ou seja, esse teuto-brasileiro nascido em Blumenau que cultivava a *Kultur* e a *Muttersprache* (língua materna) será um *Deutsche*, a nacionalidade não está vinculada à cidadania.

Seyferth<sup>9</sup> ainda aponta quatro características do nacionalismo alemão do final do século XIX amplamente difundidas pela Liga Pangermânica: a política expansionista de Guilherme II; o racismo vinculado à doutrina nacionalista, que elevou o anti-semitismo e ao mito ariano à doutrina da nação; propaganda de uma marinha forte, que concorria com a britânica e o ódio pela Inglaterra, principal empecilho ao expansionismo alemão.

As idéias propagadas pela Liga Pangermânica (*Alldeutsche Verband*) são conhecidas, porém, raramente associadas a esse grupo, são ideologias difundidas na Alemanha desde o século XIX, mas que só se tornaram conhecidas no mundo todo através do Nacional-Socialismo de Adolf Hitler. O Pangermanismo tinha conotação política e visava à expansão alemã e a superioridade do sangue ariano. Essa corrente justificava o fim de todos aqueles que poderiam impedir essa superioridade, a exemplo do extermínio judeu aplicado por Hitler, mas já amplamente difundido nessa época. A Alemanha deveria se expandir ainda que para isso fosse necessário entrar em guerras.

Essa tendência à violência, comum entre os alemães, é explicada por Nobert Elias<sup>10</sup>. De acordo com o autor, uma vez que a unificação se deu por meio de guerra e violência (três guerras contra Dinamarca, Áustria e França), criou-se a imagem entre os alemães de que a violência era um ótimo instrumento político e capaz de mostrar para o mundo a superioridade e invencibilidade alemã. Por esse motivo, entre outros, a Alemanha ficou tão abalada e envergonhada após o fim da Primeira Guerra Mundial, já que foi vencida de forma vergonhosa perante todos, mostrando que havia uma fragilidade alemã.

Para Magalhães<sup>11</sup>, o Pangermanismo é uma forma de nacionalismo em nível macro, e um de seus principais objetivos era expandir a nacionalidade alemã aos alemães espalhados pelo exterior, visando manter nessas colônias a cultura e a língua alemã como língua oficial, sob o argumento do *jus sanguinis*. “A Liga Pangermânica pretende a animação do caráter nacional alemão em todo o mundo, a conservação da índole e dos costumes alemães na Europa e além-

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>10</sup> ELIAS, Nobert, Op. Cit, p. 167.

<sup>11</sup> MAGALHÃES, Marionildes, Op. Cit, p. 105.



mar, e a união total do Deutschtum.”<sup>12</sup> Vários intelectuais se envolveram nesse segmento político como Max Weber, Haeckel e Theodor Fischer, além dos anti-semitas Wagner, Treitschke, Gabineau e Chamberlain, que defendiam o nacionalismo biológico.

Santa Catarina, que recebeu muitos imigrantes alemães, acabou sendo alvo direto desse Pangermanismo, suas idéias foram amplamente divulgadas pelos jornais em língua alemã do Estado, patrocinados pela Liga Pangermânica que, além dos jornais, patrocinava também o ensino nas escolas das colônias para que o alemão continuasse sendo a língua oficial, financiando construções e sempre com o lema “*Gebenke dass du ein Deutscher bist*” (Lembra-te de que tu és um alemão).<sup>13</sup>

De acordo com Magalhães<sup>14</sup>, a atuação da Liga Pangermânica se intensificou nas colônias alemãs em um momento de nacionalismo crescente por parte dos brasileiros, nacionalismo imposto pelos governantes e intelectuais em virtude da proclamação da república, em 1889, como meio de manter os brasileiros unidos em nome de sua nação, procurando formar uma identidade étnico-cultural-religiosa.

O jornal *O Dia*<sup>15</sup>, publicado em Florianópolis, traz em 1904 uma nota sobre a visita do ministro brasileiro, Sr. Meyer, a Guilherme II, imperador alemão, para tratar de questões econômicas que, segundo o jornal, estavam sendo dificultadas pelo crescente nacionalismo brasileiro que vinha impedindo que grandes indústrias alemãs se instalassem no Brasil. Ainda nessa nota, o periódico diz que o nacionalismo brasileiro está sendo impulsionado pelos Estados Unidos.

Surgiram inúmeros jornais no Vale do Itajaí que defendiam as idéias do *Alldeutsche Verband* (Liga Pangermânica), como o *Urwadlbote*, mais radical de todos os jornais em língua alemã do Estado. É importante constatar, no entanto, que mesmo entre os jornais teuto-brasileiros havia oposição, como por exemplo, entre o *Urwadlbote* e o *Blumenauer Zeitung*. Este último defendia ferrenhamente os ideais nazistas, mas se opunha à Liga Pangermanica.<sup>16</sup> Esses periódicos acabavam gerando conflitos, já que havia acusações mútuas entre os jornais teuto-brasileiros e luso-brasileiros. Os luso-brasileiros acusavam as colônias alemãs, propagando as idéias de perigo e ameaça alemã. Os teuto-brasileiros, por sua vez, acusavam o Brasil de não se

<sup>12</sup> SEYFERTH, Giralda, Op. cit, p. 35.

<sup>13</sup> MAGALHÃES, Marionildes, Op. cit, p. 106.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 108.

<sup>15</sup> *Jornal O Dia*. Órgão do Partido Republicano Catharinense. 09 de janeiro de 1904, anno 04, nº 901.

<sup>16</sup> SEYFERTH, Giralda, Cp. cit, p. 52



constituir em uma nação, pois era um Estado interétnico, além de propagar uma campanha antinativista afirmando o estereótipo do “alemão trabalhador”.

Nesse momento, começa a se criar a idéia do “Perigo Alemão”, amplamente difundido na imprensa e através de estudos de intelectuais, que viam a ameaça da formação de um “enclave étnico” no Brasil.

Arend<sup>17</sup>, em seu artigo *Relações interétnicas na província de Santa Catarina*, explica essa mudança de postura para com os imigrantes alemães. No primeiro momento das migrações, no qual se visava o branqueamento da população brasileira, o alemão era um dos grupos étnicos mais bem quistos para esse papel, pois além de suas características físicas (pele, cabelo e olhos claros), o alemão sempre foi visto como exemplo de força de trabalho. Num segundo momento, no entanto, essa visão romantizada do imigrante alemão tornou-se antagônica, e o que era bom tornou-se um perigo, já que os anos se passaram e o resultado da miscigenação não surtiu efeito. Os alemães organizaram-se em colônias genuinamente alemãs, mantendo sempre a endogamia. Iniciaram-se conflitos entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros, já que estes viam o alemão como aquele que os expulsou de sua terra, e também o conflito religioso, uma vez que o catolicismo era a religião oficial e os alemães cultuavam o luteranismo.

A idéia do “Perigo Alemão”, como já dito, tornou-se cada vez mais crescente no Brasil do início do século XX, através de escritos de intelectuais como Graça Aranha e Sílvio Romero. Essa noção se espalhou pelo país sendo amplamente divulgada pela imprensa. Um momento significativo foi a publicação de *O Allemanismo no Sul do Brasil*<sup>18</sup>, escrito em 1906 e publicado em 1910 no livro *Provocações e Debates*, no qual o autor faz várias discussões sobre assuntos pertinentes ao Brasil do início do século.

Sílvio Romero, sergipano, nascido em 1851, foi uma figura ativa na vida política e intelectual do Brasil, tendo sido fundador da cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras. Formado em direito, Romero atuou como crítico literário de jornais, escritor, professor e exerceu vários cargos políticos, como Deputado Federal por Sergipe no governo de Campos Salles. Foi nessa conjuntura que Sílvio Romero escreveu *O Allemanismo no Sul do Brasil*.

---

<sup>17</sup> AREND, Silvia Maria Fávero. *Relações interétnicas na província de Santa Catarina. (1850 – 1890)*. In: BRANCHER, Ana e AREND, Silvia M. F. (org) *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

<sup>18</sup> ROMERO, Sílvio, *Op. cit.*



Silvio Romero, na respectiva obra, faz uma crítica à colonização alemã no sul do Brasil e às conseqüências da forma de colonização empregada na região, para ele uma forma errada, que poderia trazer graves conseqüências à nação. Para ele, a colônia alemã de Blumenau, por exemplo, que contava com 80% a 90% de sua população germânica representava um tipo diferente de qualquer outro tipo de imigração, o que merecia um estudo particular.<sup>19</sup> Para ele, essa forma singular de colonização agrupava os imigrantes de determinada origem em colônias homogêneas, dificultando o contato com grupos de outras etnias, o que acabava gerando mais liberdade aos alemães, que poderiam manter sua língua materna e seus costumes germânicos. Uma vez habitando um ambiente genuinamente germânico, como no caso de Blumenau, qual a possibilidade e a necessidade que os alemães teriam de assimilar a cultura do Brasil? Praticamente nenhuma, pois viviam como se sua colônia fosse uma continuação além-mar da sua pátria natal.

René Gertz<sup>20</sup> fez um estudo sobre essa idealização do “perigo alemão” criado nesse momento, mostrando que preocupações desse tipo já existiam em tempos remotos, como se pode observar com a colocação do deputado José Bernardino da Cunha Bittencourt, em 1854:

[...] os colonos que por todos os motivos mais úteis nos podem ser são sem contestação os portugueses. (...) A segunda geração dos portugueses entre nós já é brasileira: o filho do português entre nós já é brasileiro e pugna pelo Brasil como sua única pátria. Poderemos dizer o mesmo dos míseros alemães? Me parece que não. Em geral não há filho e mesmo neto de colono alemão que pugne pelo Brasil como se pugnassem pela sua pátria; pelos exemplos dos pais olham esta terra mais como madrasta do que como mãe...<sup>21</sup>

Era comum, nesse período, que os intelectuais acreditassem que a Alemanha tinha pretensões de instaurar no sul do Brasil o Antigo Regime colonial, fazendo das colônias alemãs do Vale do Itajaí uma região de influência direta política e economicamente germânica, ou seja, uma Alemanha dentro do Brasil, bem como os portugueses haviam feito anos antes. Silvio Romero é militante dessa teoria, acreditando que os alemães de fato vão tomar para si tais regiões amplamente colonizadas por eles. O intelectual é duro em suas críticas ao povo alemão, mostrando apenas o lado negativo dessa colonização, alertando a todos para o perigo eminente

<sup>19</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>20</sup> GERTZ, René, Op. cit.

<sup>21</sup> PICCOLO, Helga *apud* GERTZ, René, Op. cit., p. 13.



que assolava o país e que acarretaria consequências desastrosas e irremediáveis, visto que a colonização já vinha ocorrendo há alguns anos.

Dest'arte, o erro gravíssimo, o erro inexpiável dos governos brasileiros, o erro que nos há de trazer a perda das belíssimas regiões do sul, foi haver-se consentido na formação lenta, por oitenta dilatados annos, de fortes grupos de população que ficou irreductivelmente germânica, sem a menor fusão com as populações brasileiras. É o erro irreparável.<sup>22</sup>

Graça Aranha, intelectual contemporâneo de Silvio Romero e igualmente membro da Academia Brasileira de Letras, discursou sobre esse “perigo alemão”, destacando a importância da participação brasileira na Primeira Guerra Mundial que, segundo o intelectual, salvou o Brasil do pertinente perigo alemão. “Se ainda algum incrédulo duvidar das vantagens obtidas pelo Brasil em combater a Alemanha, se perguntar o que lucramos materialmente, a melhor resposta a essa indagação utilitária seria aquela muito simples de obscuro [...]: ganhamos Santa Catarina e o Rio Grande do Sul.”<sup>23</sup>

### Considerações

Como pode ser observado, a ameaça alemã foi um tema que perdurou por todo o período de imigração alemã para o Brasil, apesar de ser comum associar esse tipo de visão preocupante para com o teuto-brasileiro apenas como resultado da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, atuando do lado oposto aos alemães, bem como é comum associar a tendência nacionalista e até agressiva dos alemães à imagem de Adolf Hitler e sua atuação sobre esse povo. De acordo com a obra de Marlene de Fáveri,<sup>24</sup> a repressão aos alemães nesse período de guerras foi intensa, como se Getúlio Vargas tivesse salvado o Brasil do “perigo alemão”.

É fácil perceber alguma veracidade na argumentação dos intelectuais brasileiros, uma vez que é comum encontrarmos escritos de alemães falando de suas intenções para com as colônias genuinamente alemãs em Santa Catarina

---

<sup>22</sup> ROMERO, Silvio, Op. cit, p. 156 e 157.

<sup>23</sup> GERTZ, René, Op. cit, p. 16.

<sup>24</sup> FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2ª ed, 2005.





Não se pode, no entanto, atribuir aos colonos do interior, que utilizavam a língua alemã como língua oficial, a alcunha de elemento perigoso, uma vez que eles vivam isolados, distantes das demais colônias de outras etnias, não tendo necessidade alguma de assimilar a cultura brasileira, já que muitas vezes não havia como aprender a língua portuguesa, por falta de professores brasileiros. Até mesmo o matrimônio, comumente endogâmico, era a única opção.

#### Fontes

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

ROMERO, Silvio. O Allemanismo no Sul do Brasil. In: *Provocações e Debates*. Porto: Livraria Chardron de Lello e Irmão editores, 1ªed., 1910, p. 115 – 169.

*Jornal O Dia*: Órgão do Partido Republicano Catharinense. 09 de janeiro de 1904, anno 04, nº 901.

#### Referências

BRANCHER, Ana e AREND, Silvia M. F. (org). *História de Santa Catarina no século XIX*. Florianópolis: UFSC, 2001.

ELIAS, Nobert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma (outra) guerra: Cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Ed. Univali; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2ª ed, 2005.

GERTZ, René. *O Perigo Alemão*. Porto Alegre: ed. UFRGS, 1991.

MAGALHÃES, Marionilde Brepohl. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

